

TIENES QUE TENER UN CORACIÓN DE LEONA: PROTAGONISMO E AÇÃO FEMININA NO HOQUEI DA ARGENTINA

CAROLINE PICOLI: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PATRÍCIA LESSA: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

SEBASTIÃO VOTRE: UNIVERSIDADE GAMA FILHO

SANDRA BELLAS DE ROMARIZ: UNIVERSIDADE GAMA FILHO

Resumo: A agenda feminista para os esportes trabalha de forma propositiva pontuando ações e práticas em prol do protagonismo, visibilidade e empoderamento das mulheres visando minimizar os efeitos depreciativos que historicamente recaíram sobre as atletas. Neste artigo propomos visibilizar a atuação da equipe de Hóquei de Grama *Las Leonas*, da Argentina, através da análise narrativa de materiais publicados em jornais escritos e televisivos argentinos após a vitória das mesmas no Mundial de Hóquei 2010. Entendemos que *Las Leonas* podem representar a quebra do mito da feminilidade e da unidesportivização.

Palavras-Chave: Hóquei. Mulheres. Protagonismo. Argentina.

NOTAS INTRODUTÓRIAS PARA UMA HISTÓRIA NARRATIVA DAS ATLETAS

CENA 1: Nerviosismo. Manos transpiradas. Relojes en hora. Miradas que los buscan. Horas, sólo eso, las separan a ellas y a sus garras de lo que más esperaban y deseaban. Ya quedó atrás la preparación para este momento y lo que está por delante es la competencia más importante de sus vidas y los que están ahí, tan cerca, son todos sus familiares y amigos, que no tendrán que hacer largos viajes en avión para poder vivir este Mundial con ellas (FAIJA, 2010, p. 20).

As Teorias Feministas surgem no universo desportivo para questionar a evidência da naturalização das mulheres que atreladas ao biológico foram sendo

excluídas de atividades consideradas masculinas. A fragilidade, a docilidade, a submissão, a vulnerabilidade são atributos nada próximos daqueles exigidos no universo dos esportes, no entanto, estão presentes nas práticas discursivas, que imprimem modelos a-históricos para as mulheres atletas.

Uma crescente produção teórica e conceitual sobre a desnaturalização dos corpos e performatividade dos gêneros atravessam as várias áreas do conhecimento, e são crescentes na área da Educação Física e dos Esportes.

Questões importantes quando pensamos como são mostradas as mulheres atletas no cenário nacional. No país do futebol quem são as nossas craques? Porque não possuem a mesma visibilidade e salário que os homens? Questões importantes na perspectiva epistemológica fornecida pelos feminismos. Com esse texto pretendemos problematizar as questões referentes a um esporte pouco divulgado no Brasil, porém muito famoso em nossa “hermana” vizinha argentina: o Hóquei de Grama.

Em nossa reflexão trabalhamos com os discursos produzidos sobre as atuais campeãs mundiais conhecidas como *Las Leonas* (As Leões). Por meio das fontes selecionadas, investigamos as representações e as auto-representações que conferem materialidade aos sujeitos representados ou auto-representados nas matérias e entrevistas concedidas pelas atletas aos jornais desportivos da Argentina em ocasião do Mundial em 2010. Nos discursos produzidos procuramos os valores e as representações sociais cujos efeitos de sentido traduzem as experiências que as constituem. A história ou as memórias das atletas estão por serem narradas. Buscamos uma história feminista das mulheres e, nesta perspectiva teórica, procuramos desvendar no social os mecanismos que ordenam as relações humanas em termos de sexo biológico e de práticas corporais em torno de materialidades constituídas à margem do sistema de hegemônico. Os marcos metodológicos para atingir tais objetivos serão explicitados a seguir, pois trabalhamos na perspectiva que o/a pesquisador/a constrói seu objeto (LESSA, 2006).

Partiremos dos jogos, semi-final e final, do Mundial de Hóquei realizados na Argentina em 2010 para expressar de forma narrativa o que entendemos como possibilidade de protagonismo, empoderamento e visibilidade feminina nos esportes. A perspectiva do estudo das narrativas adquire novos ares com os estudos de Sandra

Jovchelovitch & Martin Bauer (2002) que a entendem como forma de expressão da experiência humana. Dizem:

O estudo das narrativas conquistou uma nova importância nos últimos anos. Este renovado interesse em um tópico antigo – interesse com narrativas e narratividades tem suas origens na *Poética* de Aristóteles – está relacionado com a crescente consciência do papel que o contar histórias desempenham na conformação de fenômenos sociais (JOVCHELOVITCH, BAUER; 2002, p. 90)

As narrativas estão longe de serem reduzidas a um novo método de pesquisa, podem ser entendidas como uma forma discursiva, pois, narram histórias de vida e de sociedades e culturas, são abordadas de modos diversos por filósofos, literatos, antropólogos e historiadores. Com essas premissas explicitadas discutiremos a seguir o hóquei feminino, a trajetória histórica da equipe campeã mundial *Las Leonas*, a quebra dos mitos da feminilidade e da unidesportivização, através de alguns materiais divulgados na imprensa escrita e oral, são eles: o jornal argentino Clarín e Canchallena e a rede de televisão canal 6 (deportes argentinos). Todos empenhados em manter a população informada das conquistas que estavam por vir nesse mundial.

HÓQUEI FEMININO UM ESPORTE DE CONFRONTO: UMA AFRONTA A DOMINAÇÃO MASCULINA?

O hóquei é uma modalidade desportiva que entra na classificação dos esportes coletivos de confronto, é muito praticado em alguns países como o Canadá, Estados Unidos e Inglaterra. Existem várias modalidades e, em cada uma, existem federações desportivas específicas que regulamentam o esporte. Assim temos o Hóquei de Grama, o Hóquei sobre patins, o Hóquei no gelo. Vamos nos deter no de Grama.

É jogado entre duas equipes com onze jogadoras que se divide em: uma goleira, jogadoras de defesa e atacantes. As atletas devem usar equipamentos de proteção projetados especificamente para o hóquei. As jogadoras de campo devem usar equipamentos de proteções para canela, tornozelos, boca e mãos, para a goleira é permitido o uso de proteção para o corpo todo: braço, ante-braço, cotovelo, mão, coxa e joelho, caneleiras, pés e cabeça. Isso denota que esse é um jogo violento, de confronto

corporal intenso. Além desses itens o componente central: o *stick* (taco) tem uma forma tradicional com um pegador e uma cabeça arredondada que é lisa no seu lado esquerdo. As jogadoras podem ser substituídas a qualquer momento e quantas vezes se fizerem necessário. O campo é retangular, com 91.40 metros de comprimento e 55m de largura, e pode ser de grama ou material sintético. A bola deve ser esférica, tendo uma circunferência de 224 e 235 milímetros, ter um peso entre 156 e 163 gramas, deve ser branca ou de outra cor que contraste com a superfície de jogo, ser dura com uma superfície lisa, ou com pequenas reentrâncias. O jogo é composto de dois períodos de 35 minutos e um intervalo de 10 minutos. As jogadoras não podem levantar o *stick* acima da altura dos ombros e nem usar de forma perigosa, não podem mexer, tocar, ou interferir nas outras jogadoras, não podem tocar a parte arredondada do *stick* na bola, não podem jogar a bola de forma perigosa ou de forma a fazer uma jogada perigosa. O que torna o jogo complexo e detalhista (CBHP, 2001).

As Jogadas características dessa modalidade são: *Flick* que é um movimento que a atleta faz para levantar a bola e é muito usado para bater um pênalti o *Hit*, que é o movimento feito para longas jogadas ou ataque ao gol. O atleta bate na bola de forma mais forte. E o *Push*: movimento usado quando o atleta pretende fazer lançamentos numa distância curta. Ele gruda a bola do taco e faz a jogada (HONÓRIO, 1988).

As origens do hóquei são pouco precisas, Grieco & Fortti (1998) mencionam que a palavra hóquei é derivada da palavra *Hoquet* que significa cajado de pastor em francês. Sobre as mulheres do hóquei encontram-se poucos artigos, porém há alguns dados nos documentos da Federação de Patinagem de Portugal que diz que o hóquei feminino se desenvolveu em vários países, e em 1927, a Federação Internacional das Associações de Hóquei Feminino foi fundada tendo países como Dinamarca, Inglaterra, Irlanda, Escócia, alguns dos membros fundadores (ALVEZ, 2003). Na década de 80 o hóquei feminino começou a se estruturar na Europa e em 1991 foi reconhecido como uma categoria na modalidade, surgindo desde então competições regionais, nacionais e internacionais. A primeira competição foi realizada na Europa e contou com a participação de 10 países.

O Hóquei feminino é bastante conhecido no mundo, na América Latina a equipe de maior sucesso são *Las Leonas*, equipe argentina e atual campeã mundial. Com influência das escolas inglesas o esporte desenvolveu-se na Argentina com maior

divulgação que no restante da América Latina. A imagem da leoa representada pelo coração flamejante e garras afiadas fez dessa equipe um símbolo para os esportes de confronto indicando novas expectativas para as atletas e as colocando no centro da mídia desportiva.

AS ALEMÃS DIZIAM: “TEMOS QUE GANHAR DAS LEOAS” - LAS LEONAS DIZIAM: “TENEMOS QUE GANAR EL MUNDIAL”

O segundo semestre de 2010 agitou os noticiários argentinos com a possibilidade visível de novas conquistas para equipe de hóquei feminino. No início de setembro o canal 6 noticiava que, após a eliminação da equipe de futebol masculino na Copa do Mundo e da equipe de Basquete masculino no Mundial, havia uma nova possibilidade de festa para o povo argentino. Em 9 de setembro as Leonas enfrentariam as alemãs nas semi-finais do hóquei de grama. Antes de chegarmos a final desse jogo vamos conhecê-las um pouco mais.

O Hóquei na América Latina vêm adquirindo visibilidade graças a equipe *Las Leonas*, que possuem um histórico de vitórias internacionais, colocando-as frente as melhores seleções do mundo. Suas mais importantes conquistas são: em 2010 primeiro lugar no Mundial; em 2009 primeiro lugar na Liga dos Campeões; em 2008 terceiro lugar nos Jogos de Pequim, primeiro lugar na Liga dos Campeões, primeiro lugar no Campeonato Sul-Americano; em 2007 segundo lugar na Liga dos Campeões, primeiro lugar nos Jogos Pan-Americanos; em 2006 terceiro lugar na Copa do Mundo, quarto lugar na Liga dos Campeões, primeiro lugar no Campeonato Sul-Americano; em 2005 quarto lugar na Liga dos Campeões; em 2004 terceiro lugar nos Jogos Olímpicos; em 2003 quarto lugar na Liga dos Campeões; em 2002 primeiro lugar no Mundial de 2002; em 2001 primeiro lugar no *Champions Trophy*; em 2000 segundo lugar nas Olimpíadas de Sydney e quarto lugar na Liga dos Campeões (SAÚL, SONEYRA; 2010).

O texto: *Las Leonas: once años de protagonismo* (SAÚL, SONEYRA; 2010) recupera parte da história dessa equipe e lança a ideia de protagonismo social entendido aqui como estratégia política no sentido de subverter a ordem dominada pelo masculino. O aparato conceitual feminista propõe uma mudança paradigmática para dar conta de novas perspectivas para a corporeidade feminina, pensando as atletas como fortes e

determinadas, com destrezas e habilidades impensadas no limiar do século XX (VOTRE, 1996; PFISTER, 2003; HARGREAVES, 2000; BUTLER, 2000). Diz Votre (1996, p. 60):

Mangan insiste em que os conceitos culturais de masculinidade, estreitamente associados ao esporte, estão prestes a mudar, porque caminhamos para uma sociedade andrógina, em que o poder estará nas mãos da mulher, também conquistado via esporte.

Os noticiários da Argentina são um exemplo dessa conquista ao relatar a semi-final contra a Alemanha realizada dia 09 de setembro de 2010. Antes do jogo a mídia desportiva local preocupou-se em saber o que pensavam as atletas. Nas falas o resultado já podia ser deduzido, pois enquanto as alemãs diziam: “temos que ganhar das *Leonas* Argentinas”, as leões argentinas tinham uma meta muito além das expectativas das adversárias: “temos que ser campeãs mundiais” (CANAL 6). Após um jogo tenso veio o resultado desse trabalho: 2 X 1 para *Las Leonas*, e o melhor, a garantia de vaga para a final contra Holanda no dia 11 de setembro de 2010. O melhor ainda estava por vir!

A DISNEILANDIZAÇÃO DA MÍDIA DESPORTIVA: FUTEBOL, CERVEJA E PRECONCEITO NA UNIDESPORTIVIZAÇÃO DA MÍDIA BRASILEIRA

As narrativas da mídia argentina mostram uma postura polidesportiva, quando destacam em seus principais veículos informativos as partidas, os depoimentos e expectativas da seleção de Hóquei feminino. Nos mesmos cadernos encontramos notícias do tênis, basquete, entre outros esportes. Entre o dizer o e silenciar existem implicações que dão sentido as práticas sociais. Uma das questões mais intrigantes na mídia do Brasil é a tendência a uniformidade, em diferentes lugares do mundo a mídia desportiva é variada, fala de esportes. No Brasil não deveríamos dizer que são cadernos de esportes, mas, cadernos e noticiários de futebol, pelo menos na grande imprensa, não falamos da imprensa alternativa que é mais plural e especializada.

Mesmo com o futebol nacional passando por inúmeros uma visível crise moral ele está na ordem do dia. As grandes emissoras populares doutrina o povo para o grande espetáculo futebolístico semanalmente, diariamente, a cada noticiário. A seleção

masculina de futebol, devemos ressaltar, ganha fortunas e a muitos anos não apresenta resultados satisfatórios. Dois dos maiores clubes de futebol viveram nos últimos anos envoltos em escândalos públicos tendo entre suas equipes atletas envolvidos com assassinato, tráfico, prostituição, violência no trânsito, escândalos no campeonato brasileiro com relação a compra dos árbitros, só para citar alguns exemplos, já quase corriqueiros nos noticiários do Brasil.

Alguns autores que estudam a mundialização da cultura, a tendência a uniformidade e a padronização de comportamentos sociais tornados fenômenos televisivos e midiáticos nomeia de “Disneilandização” o espetáculo que transforma eventos corriqueiros em cenário de diversão popular e contribuem para uma política da performance e do espetáculo público (SANTOS, 1999). Os crimes cometidos por jogadores viram uma interminável novela dramatizada. E quanto as atletas brasileiras? Onde estão? O que fazem? Existem campeonatos internacionais dos quais elas participam? Onde andara e o que tem feito a jogadora de futebol Marta, três vezes indicada como melhor jogadora do mundo pela *Federation Internationale de Football Association* (FIFA)?

Duas notícias do jornal *Le Monde Diplomatique*, da França, veiculados dia 11 de junho de 2010 saltam aos olhos e nos fazem pensar sobre essas questões. Ficamos sabendo pelo noticiário francês que em 2011 está previsto o Mundial de Futebol Feminino organizado pela FIFA. A seleção feminina francesa disputou a vaga entre as equipes européias, o incentivo as atletas era noticiado de modo entusiástico: “*la cohésion: nom féminin. 1. Solidarité exprimée à chaque instant par Les Bleues*”. A Equipe de France Féminine iria disputar dia 20 de junho uma vaga para as finais contra a equipe da Croácia, a notícia convidava o povo a assistir a partida na rede Direct 8, a realizar-se no Estádio Léo-Lagrange em Besançon (PIRONET, 2010, p. 22).

Enquanto no Brasil assistimos uma representante da grande imprensa pedir desculpas pelos comentários preconceituosos contra os países vizinhos. Na época da final dessa Copa assistimos uma clara expressão da xenofobia, especialmente em comentários dirigidos contra o Paraguai, Uruguai e Argentina. Todos com melhores posições que o Brasil na Copa do Mundo.

No caso francês, a palavra coesão corrobora para visibilidade e empoderamento do futebol feminino. Na gramática soletrada no feminino ela vincula-se a solidariedade

e, por sua vez, a seleção francesa de futebol feminino, sob a sigla FFF. A notícia veiculada pelo jornal da França, bem como, as narrativas argentinas vistas anteriormente, chama para o que Pfister (1997, p. 92) nomeia de “*herstory*”:

Por muito tempo houve muita “*history*” (história deles) – mas muito pouca “*herstory*” (história delas). Em grandes estudos sociais, políticos, artísticos ou até mesmo sobre a história do esporte, as mulheres são encontradas, quando muito, nas entrelinhas. Intenções notáveis, conquistas pioneiras, decisões cruciais e grandes feitos parecem ter sido criados exclusivamente para os esforços masculinos.

A segunda notícia da notícia da França não era nada animadora:

Entre les droits de retransmission, les contrats publicitaires, la billetterie et les partenariats avec des entreprises comme Coca-Cola ou McDonald’s, celle-ci espère engranger près de trois milliards d’euros de recette globale, dont une partie est destinée aux joueurs, sous forme de primes à multiples zéros, et aux clubs, dont les plus importants, comme le Real Madrid, Barcelone ou Chelsea, seront grassement indemnisés (PIRONET, 2010, p. 23).

A matéria informava que o espetáculo com maior audiência televisiva do mundo era um engodo, a XIX edição da Copa do Mundo de Futebol realizada em junho de 2010 na África do Sul, prometia milhares de postos de trabalho, porém não destacava a brevidade dos mesmos em uma realidade de mais de 20 milhões de pessoas vivendo na miséria fruto do *apartheid*. Com isso, queremos destacar que mesmo diante da tentação de aderir a “*Disneilandização*” através das notícias do “maior espetáculo” esportivo do mundo, o jornal foi crítico, coerente com visão política, indo além, e retratando a visibilidade e o empoderamento para sua seleção feminina.

E no Brasil? Será que seleção feminina irá participar desse mundial? Silêncio! O silêncio por vezes diz mais que as palavras. Onde o Brasil se diferencia do resto do mundo? Na unidesportivização, ou seja, na política do empobrecimento cultural na área desportiva. A questão central para essa discussão é que a unidesportivização pode apresentar-se como limite para participação feminina nos esportes, tendo em vista que o futebol é tradicionalmente visto como esporte masculino. Duas questões precisam ser quebradas: a unidesportivização e a idéia de feminilidade, impregnadas na grande imprensa nacional.

DIVERSIDADE NOS ESPORTES, DESCONSTRUINDO O MITO DA FEMINILIDADE

CENA 2: Dia 07 de setembro de 2010 o canal 6, na cidade de Buenos Aires, Argentina, noticiava que uma conhecida tenista pedia desculpas as atletas de hóquei pelos comentários preconceituosos, ao dizer que esse não era um esporte feminino (CANAL 6).

A idéia de feminilidade assombra os esportes olímpicos e não olímpicos. A imagem da mulher submissa, frágil, passiva foi trabalhada pelos poderes médicos, jurídicos e psiquiátricos ancorados no discurso científico. A “naturalização” das mulheres vinculadas a procriação levou a medicina desportiva acreditar, por longos anos, que o treinamento desportivo e os exercícios físicos para mulheres, sobretudo os esportes de força e de confronto, deveriam exigir moderação. Com o pretexto de preservar a saúde das mulheres tais propostas utilizaram-se da instituição discursiva da “natureza específica”, localizando no corpo as causas de uma interdição. Aprisionadas ao seu corpo as mulheres fizeram suas primeiras aparições reconhecidas publicamente depois dos homens. A matriz de sentido que define o tipo de atividade que as mulheres podem realizar se dá em função de um conjunto articulado de saberes biomédicos que criam o local da maternidade como o objetivo central na vida de qualquer mulher e, além disso, cria o estigma da fragilidade inata e da vulnerabilidade anatomo-fisiológica decorrentes da sua capacidade de procriar, pois a referencia é a heteronormatividade, representada pelo par binário homem e mulher universais.

Se a participação feminina nos esportes é cheia de proibições e empecilhos, é também, *lócus* de resistências e lutas ao longo da História. Em diferentes épocas e culturas encontramos indícios de práticas desportivas e de treinamento de lutas armadas realizadas por mulheres, como por exemplo, na Antiguidade, em Esparta, essas práticas eram constantes, porém não podemos dizer o mesmo de Atenas onde os esportes eram práticas masculinas. Mesmo algumas das primeiras Escolas de Educação Física excluía a participação das mulheres com o argumento da fragilidade e vulnerabilidade anatomo-fisiológica.

Uma das influências do ideário da feminilidade como incompatível ou contrária aos esportes de força e de confronto foi a criação do *fitness* na década de 80. Esse movimento que ampliou os espaços das academias, antes quase exclusivas para homens, incluiu as mulheres que tiveram entrada pela porta dos fundos. Enquanto nas academias norte-americanas o *bodybuilding* já havia registrado a presença de nomes como Arnold Schwarzenegger e Lou Ferrigno, as mulheres entravam na onda da ginástica, representadas por Barbie Allen. A ginástica aeróbica foi uma das responsáveis pela participação das mulheres nas academias. Em 1985 o livro "A dança aeróbica" da professora americana Barbie Allen prometia perda de 500 calorias por hora e dava o teor da presença feminina nas academias, um dos alicerces do mito da feminilidade construído nos esportes.

Feminilidade e masculinidade são palavras que carregam demandas e expectativas sociais, tanto em comportamentos corriqueiros quanto na presença ou ausência de mulheres em algumas modalidades desportivas. Votré (1996) pergunta sobre os mecanismos culturais de reprodução na configuração discursiva do homem e da mulher. Ele encontra uma pista nas associações entre masculinidade e violência, diz:

Os imperativos sexuais, o militarismo e a mitologia da masculinidade, segundo James Mangan, foram realidades construídas. Mangan concebe o esporte como uma forma de desenvolvimento da agressão no homem e na mulher. Na Inglaterra imperial, o esporte foi crucial na socialização e na agressão em relação a masculinidade. Agressividade masculina e feminina cooperavam no sentido de formar o homem, que era construído como instrumento de guerra (VOTRÉ; 1996, p. 60).

A marginalização é uma das estratégias que a mídia utiliza para retratar as atletas, celebrando os esportes masculinos e deixando as experiências femininas relegadas a desfile de corpos, projetando as atletas a partir da exploração da beleza acima de suas conquistas e performances desportivas. Transformar atletas em caras e corpos torneados serve para construção cultural do corpo feminino heteronormativo, instituído sob as bases da hegemonia masculina e da submissão feminina a partir de critérios biológicos, relegando fatores sociais e culturais a um segundo plano. No caso do fisiculturismo isso se torna evidente quando os homens atletas são transformados em heróis cinematográficos e as mulheres com grande muscularidade excluídas das

competições denotando um problema interno ao esporte, pois se as próprias federações criam o estigma, o que esperam da imprensa (LESSA; 2007).

No mesmo mês em que a seleção masculina voltou para casa sem participar das semi-finais, o Brasil foi representado pela carioca Viviane Romaguera no Mundial de Fisiculturismo NABBA (*National Amateur Body Building Association*) na ilha de Malta ao sul da Itália. A atleta da categoria Figure II, enfrentou ilustres figuras da Europa e trouxe o troféu de primeiro lugar para o Brasil. Mas, ela estava disposta a ir além, no confronto final, nomeado *overall* (a melhor de todas as categorias) ela venceu a belíssima Russa Maria Bulatova (Figure I) (LESSA; 2010). Alguém a viu na grande imprensa nacional? Na Inglaterra, França e Itália Viviane Romaguera é celebridade. Devemos lembrar que a imprensa nacional estava mais preocupada em atacar *los hermanos* latinos, assim, não havia espaço para falar de uma mulher musculosa. Quem diria que uma mulher musculosa teria melhor colocação que os milionários craques!

Goellner (2003) diz que algumas características como suor excessivo, esforço físico, competição, práticas comuns do universo da cultura física, quando relacionados as mulheres parecem abrandar certos limites que contornam a imagem idealizada de feminilidade. A postura da tenista argentina, mesmo sendo uma mulher, provavelmente, não tenha dimensão dos danos causados pelo comentário contra *Las Leonas* de um modo específico, e contra os esportes femininos em geral. Seu pedido público de desculpas é mais uma encenação nesse grande espetáculo midiático que cria heróis e bandidos. Mas parece-nos que tal comentário pouco afetou as feras do hóquei mundial, que de vitória em vitória chegaram a mais uma final, agora contra as laranjas da Holanda que amarelaram diante das leas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RUMO AO EMPODERAMENTO FEMININO NOS ESPORTES

CENA 3: O sábado ensolarado do final do inverno argentino reuniu milhares de espectadores ao vivo e nas emisoras de televisão. A seleção da Argentina venceu a Holanda por 3 X 1 neste sábado, em Rosário e conquistou pela segunda vez o Mundial feminino de hóquei sobre a grama. Os gols das leas, como são conhecidas as atletas na seleção argentina, foram marcados por Rebecchi (dois) e Barrionuevo.

Cerca de 12 mil pessoas acompanharam a final no estádio em Rosário (CANCHALLENA, 2010).

Para Hargreaves (2000) o futuro está na união e o segredo na solidariedade feminista. Essa afirmativa pode ser lida tanto no noticiário francês que anunciava a partida da seleção feminina de futebol como nas notícias sobre as conquistas da seleção feminina de Hóquei de Grama.

Notamos a crescente participação das mulheres, tanto em número de atletas como de modalidades, porém, mudanças ainda precisam ocorrer em relação às barreiras culturais, econômicas, políticas e religiosas que, ainda estão presentes e, impedem que mulheres adotem a prática esportiva como parte de suas vidas. Além disso, elas ainda estão longe de assumir posições de comando na mídia, administração e treinamento do esporte (HARGREAVES, 2000; PFISTER, 1997). É praticamente insignificante, a presença das mulheres nesses contextos.

A representação das mulheres atletas em alguns casos e culturas específicas reproduzem rótulos historicamente construídos quanto ao gênero. Assim, percebemos que a imprensa contribui intencionalmente para que preconceitos deste tipo contra atletas continuem existindo, pois aparecem camuflados pela valorização da estética feminina e pela exigência de um padrão instituído.

A maior beleza é a do corpo livre, desinibido em seu jeito próprio de ser, gracioso porque o ser humano é gracioso quando não vive oprimido e com medo. As políticas afirmativas para as atletas estão na ordem do dia é preciso sensibilidade e coragem para trabalhar em prol da visibilidade e empoderamento feminino, lutando, no caso do Brasil em especial, contra a unidesportivização da mídia e o mito da feminilidade.

REFERÊNCIAS

ALVEZ, Luiz Felipe. **Análise das ações defensivas da seleção sénior feminina de hóquei em patins, nas finais 1999, 2000 e 2001**. Portugal: Castelo da Maia, 2003.

BUTLER, Judith. Les genres en athlétisme: hyperbole ou dépassement de la dualité sexuelle? In : **Cahiers du Genre**: variation sur le corps. n. 29, Paris: l' Harmattan, p. 21-35, 2000.

CBHP. **Uma breve referência histórica do hóquei sobre patins**. 2001. Disponível em: <<http://www.cbhp.com.br/>>. Acesso em out 2010.

CANCHALLENA. El mundial de Hockey em Rosario: Leonas 3 X 1 Holanda. Disponível em: <http://www.canchallena.com.ar>. Acesso em 13 de setembro de 2010.

FAIJA, Sabrina. Las leonas y un Mundial diferente: “sentir a La hinchada se va a disfrutar muchísimo”. **Clarín**. Argentina, 18 de setembro de 2010, p.20.

GOELLNER, Silvana V. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na revista educação física. Ijuí: EdUNIJUÍ, 2003.

GRIECO, A.; & FORTTI, A. **Hockey sobre patins**. Buenos Aires. Argentina: La Grulla, 1998

HARGREAVES, Jennifer. **Heroines of sport**: the politics of difference and identity. London: New York: Routledge, 2000. 284p.

HONÓRIO, E. Aspectos específicos da modalidade. **Hóquei em patins**. 1988
 Disponível em:
 <<http://www.esdrm.pt/ensino/licenciatura/programas/MODALIDADE%20DESPORTIVA%20I.pdf>>. Acesso em: Nov 2010.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In:_____; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LESSA, Patrícia. Bodybuilders ou Cyborgs? A reinvenção do corpo feminino. Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 16-18 mai 2007. CD-Rom.

_____. Viviane Romaguera. Disponível em:
 <<http://www.fisiculturismo.com.br/newsletters/materias/viviane-romaguera.php>>.
 Acesso em nov. de 2010.

_____; OSHITA, Tais. A representação social da atleta e dos esportes sob o olhar lesbiano. **Revista Ártemis**, Paraíba n. 4, 2006.

PIRONET, Olivier. Coupe Du monde de football: passion, diversion, répression. **Le Monde Diplomatique**. França, 11 de junho de 2010.

PFISTER, Gertrud. Líderes femininas em organizações esportivas: tendências mundiais. **Movimento**. v.9, n.2, Porto Alegre, p. 11-35, mai./ago. 2003.

SANTOS, Eugênio. Comunicação e cultura: uma abordagem. 1999. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5028.pdf>. Acesso em: nov. de 2010.



SAÚL, Javier; SONEYRA, Santiago Peluffo. Las Leonas y once años de protagonismo. Disponível em: <<http://www.canchallena.com/1152039-las-leonas-y-once-anos-de-protagonismo>>. Acesso em: set de 2010.

VOTRE, Sebastião. Alternativas teóricas e metodológicas de análise do discurso da representação social da mulher na educação física, esporte e lazer. _____ (org.). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Central Universidade Gama Filho, 1996, p. 11-60